

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DE ESTUDOS POLÍTICOS E
INTERNACIONAIS

REVISTA
DA
FACULDADE DE LETRAS
HISTÓRIA

III SÉRIE • VOL. 11 • PORTO • 2010

Cândido dos Santos*

Jansenismo francês num códice da Biblioteca Nacional de Portugal

R E S U M O

O artigo propõe-se revelar a presença do jansenismo francês no códice 13049 da BNP. O códice consta de 6 partes, três das quais são tradução portuguesa da obra do jansenista francês Dom Gabriel Gerberon (1628-1711) – *Défense de l’Eglise Romaine contre les calomnies des Protestans*. Os Protestantes (calvinistas) acusavam a Igreja Romana de ser pelagiana. Dom Gerberon procura mostrar a diferença entre a doutrina católica, a protestante e a pelagiana, a respeito do mistério da Predestinação e da Graça. Desta obra fazem parte uns diálogos entre Deodato e Romano que são uma espécie de catecismo jansenista. No códice há ainda influência de outros jansenistas, como Vivien de Laborde e Jérôme Besoigne.

A B S T R A C T

The purpose of this paper is to demonstrate the influence of Jansenism, namely through French authors, in Codex 13049 from the National Library of Portugal (BNP). The codex is composed of six parts, three of which are Portuguese translations of the work *Défense de l’Eglise Romaine contre les calomnies des Protestans*, by French Jansenist Dom Gabriel Gerberon (1628-1711). Protestants (Calvinists) accused the Roman Church of being Pelagian. Dom Gerberon attempts to illustrate the differences between Catholic, Protestant and Pelagian doctrines concerning the mysteries of Predestination and Grace. The work includes a collection of dialogues between Deodatus and Romano that could be seen as a sort of Jansenist Catechism. The Codex also reveals the influence of other Jansenist authors such as Vivien de Laborde and Jérôme Besoigne.

Alguém escreveu que as doutrinas jansenistas eram aberrantes da tradição nacional¹.

Contudo, as nossas bibliotecas estão cheias de obras de autores jansenistas. O P. Miguel de Oliveira só poderia referir-se à época anterior à expulsão dos jesuítas (1759) e à transformação da Inquisição em tribunal régio. Porque, na época seguinte, a literatura jansenista e regalista entrou livremente no país e invadiu as bibliotecas das congregações religiosas². Fortunato de Almeida

* Professor Jubilado da FLUP/CITCEM.

¹ P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa. 1940, p.252. O Prof. Silva Dias escreveu em 1953: jansenismo teológico, cremos que nunca o houve no nosso país. Pelo menos não lhe encontramos até hoje qualquer rasto. (*Portugal e a Cultura Europeia*, p. 140).

² Na Biblioteca Municipal do Porto existe à disposição do investigador um catálogo manuscrito em três volumes de obras de Teologia, idas das congregações religiosas da cidade. Muitas delas são de conhecidos autores jansenistas.

Mas também nos seminários se encontram obras dessa natureza. Por exemplo, na biblioteca do Seminário do Porto estão presentes as obras mais significativas do maior jansenista italiano, Pietro Tamburini: *De summa catholicae de gratia Christi doctrinae praestantia, utilitate ac necessitate dissertatio* (...). Ticini, 1790; *Vera idea della Santa Sede*, Milão 1818; *De Verbo Dei Scripto et Tradito*, Ticini, 1789-1790; *Praelectiones de justitia christiana et de sacramentis* tomo I e II; *De ultimo hominis fine*, vol. III; *De Ethice christiana*, tomo IV; *De Locis theologicis*, Ticini, 1783-1790.

tem razão quando aponta a presença do jansenismo no consulado pombalino³. Mas essa presença prolongou-se para além do reinado de D. José, e faz-se sentir quer na produção impressa, quer em obras traduzidas Na Biblioteca Pública Municipal do Porto, por exemplo, encontramos obras de Antoine Arnauld, de Gabriel Dupac de Bellegarde, Blandinière, Du Guet, Bidal de Asfeld, Dupin, Claude Fleury, Royaumont (Nicolas Fontaine e Lemaistre de Sacy), Genet, Jean Pierre (ou Jean Étienne) Gourlin, João Baptista Guadagnini, o *Augustinus* de Cornelio Jansenio, Gaspar Juenin, Jean Launoy, Gabriel Nicolas Maultrot, Pierre Nicole, Jean Opstraet, Vincenzo Palmieri, Pasquier Quesnel, Rastignac, Edmond Richer, Charles Rolin, Saint Cyran, Pietro Tamburini, José Valla, José Zola, Guilherme Estio, Van Espen, as Actas do Sínodo de Pistoia (*Actes et Decrets du Concile Diocesain de Pistoie*) e o jornal jansenista *Nouvelles Ecclésiastiques*.

Gourlin, Opstraet, Feydeau, Tamburini, Gerberon, Guadagnini, Pelvert tiveram algumas das suas obras traduzidas em português⁴. Algumas ficaram manuscritas. É o caso do códice 13049 da Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, um conjunto de textos todos eles de carácter jansenista.

O códice, de 83 fólhos, consta de 6 partes:

- 1 - Instrução sobre as promessas feitas por Jesus Christo à sua Igreja (fl.1-9v.);
- 2 - Conversações de Deodato e de Romano em que se explica a doutrina cristã sobre a Predestinação e a Graça de Jesus Christo (fl.11-56);
- 3 - O Pelagianismo (fl.56v.61);
- 4 - Juízo exacto da crença católica comparada com os sentimentos dos Protestantes e Pelagianos acerca do Mistério da Predestinação e Graça de Jesus Christo; A. Cologne. 1691.(fl.62-71);

Também do jansenista José Zola, colega de Tamburini, há os *Commentariorum de rebus christianis prolegomena*. Ticini, Monast. S. Salvatoris, 1787.

Nos Seminários de Coimbra e de Faro regista-se a presença do dominicano Gazzaniga, não de todo isento de erro. Neste último, foram utilizados no ensino o canonista Van Espen, Besombes, e Francisco Geneto, autor da chamada “Moral de Grenoble”, de inspiração jansenista.

³ *História da Igreja em Portugal*, (ed. de Damião Peres), III, pp. 242-350.

⁴ Alguns exemplos de obras jansenistas traduzidas: de Guadagnini - *Parecer sobre os chamados actos de Fé, Esperança e Caridade e de outras virtudes christans*, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1798. Tradução do Doutor António Soares Barbosa, como consta do catálogo das suas obras de que dá conta seu irmão Jerónimo Soares Barbosa na sua obra *As Duas Línguas*, ou *Grammatica Philosophica da língua portuguesa*, Coimbra, 1807.

Compendio da Historia do Antigo e Novo Testamento com as razões com que se prova a verdade da Nossa Religião. Traduzido da língua francesa para instrução da mocidade portuguesa por António Soares. Nova edição correcta, Lisboa, Na Impressão Regia, 1830.

História Sagrada do Velho e Novo Testamento (Bíblia de Royaumont). Traduzido por L. Paulino da Silva Azevedo, Lisboa 1758. Teve várias edições.

De Gourlin- *Educação e Instrução christam em forma de Cathecismo por outro nome Cathecismo de Nápoles*. Trad. de António Soares Barbosa;

De Pelvert- *Carta de um Theologo sobre a distinção das duas Religiões, Natural e Revelada*. Traduziu António Soares Barbosa.

De Tamburini- *Análise do livro das Prescrições de Tertuliano com algumas observações*. Lisboa, Typographia Moraziana, 1788. Existe na Biblioteca Nacional de Portugal uma tradução manuscrita, datada de 1792, da autoria de Domingos dos Santos Sarmento Ferreira (cod. 13076 da Secção dos Reservados).

- 5) - Regras que se devem seguir nas contestações presentes sobre as verdades católicas;
- 6) - Diálogo entre Teotimo e Filopista sobre a concórdia da Graça com o livre arbítrio (fl.74-83v).

1. A *Instrução...* é uma defesa das doutrinas jansenistas. Não tem autor nem está datada. É seguramente posterior à bula *Unigenitus Dei Filius*, de 1713, e faz a apologia dos Apelantes que surgiram em 1717⁵. Parece - nos, pela análise interna, que deve situar-se um pouco mais tarde, na década de vinte ou princípios da seguinte.

Começa por afirmar que a pregação do corpo dos legítimos Pastores sobre matéria revelada deve ser aceite e acreditada. Mas, quando se trata de factos novos, não revelados, não estamos obrigados a acreditar. Trata-se, então, de simples opiniões, como é o caso da Assunção e da Conceição Imaculada da Virgem Maria. Factos não revelados, como o facto de Jansénio.

Não colide com a promessa da assistência feita por Jesus Cristo que algumas verdades reveladas, e mesmo doutrinas definidas em concílios ecuménicos, possam atravessar períodos de obscuridade e mesmo de contestação. Assim acontece, por exemplo, com a doutrina da superioridade do Concílio ao Papa, tal como foi definida no Concílio de Constança no século XV, hoje fortemente contestada pelos ultramontanos. Nem tão pouco que um grande ou mesmo grandíssimo número de Bispos possam ensinar doutrinas erróneas, como acontece com as pretensões ultramontanas, opostas à Sagrada Escritura e à Tradição, ensinadas não obstante, pelo Papa e um grande número de Bispos, excepto os de França. Seguir o maior número nem sempre é regra segura⁶. Haja em vista a doutrina errónea da suficiência da atrição servil sem o amor de Deus, que, entretanto, também é ensinada.

Mas a Igreja não deixa de ser a depositária da verdade, ainda quando a maior parte segue o erro. E não se está a atacar a infalibilidade da Igreja, quando se diz que molinistas e ultramontanos defendem erros perniciosos. A Igreja tolera erros que não aprova.

O molinismo, a atrição servil, são tolerados. Não os condena o corpo dos Pastores. Mas os Teólogos mais esclarecidos combatem-nos, como contrários à doutrina antiga. Um pequeno número -o bom grão - combate o joio.

O mesmo se pode dizer relativamente à relaxação dos últimos tempos, introduzida na disciplina da Penitência, e por cujo restabelecimento lutam os bons Fiéis.

⁵ A bula *Unigenitus* promulgada a 8 de Setembro de 1713 pelo Papa Clemente XI causara uma grande divisão na Igreja de França. Depois da morte de Luís XIV (1 de Setembro de 1715) alguns Bispos e alguns milhares de padres, sobretudo regulares, com a protecção do Regente, Filipe de Orléans, que lhes era favorável, protestaram contra a bula e apelaram ao Concílio Geral. Entre os bispos *apelantes* estavam o de Boulogne, de Mirepoix, de Montpellier e o de Senz. Os apelantes foram excomungados pela bula *Pastoralis officii* de Clemente XI, de 28 de Agosto de 1718. Só em 1730 foi a bula *Unigenitus* declarada lei de Estado.

⁶ Seguir o maior número nem sempre é regra segura. Esta temática foi tratada pelo teólogo jansenista italiano, Professor da Universidade de Pavia, Pietro Tamburini: É evidente que o número daqueles que seguem a verdade e a doutrina da Igreja pode em certas matérias e em certos tempos ser o menor. Onde é que Deus prometeu que a verdade seria sempre ensinada pelo maior número? Antes muitas vezes tem predito escuridades e agitações com que deve gemer a Igreja. Era por ventura o maior número que nos tempos mais próximos de nós seguia a doutrina da Escritura e da Tradição sobre os justos juízos da hierarquia? Era o maior número que seguia as santas regras da Moral evangélica contra as máximas licenciosas dos Probabilistas? Era o maior número que propugnava pelos sagrados direitos da Graça de Jesus Cristo? Era o maior número que se opunha às relaxações dos atricionistas? (*Análise do livro das Prescrições de Tertuliano...* p.50).

Os Protestantes não podem rejeitar a infalibilidade da Igreja com o argumento de que os Concílios autorizaram o erro, quando atribuíram ao Papa o poder indirecto sobre o temporal. Esse erro nunca foi definido como dogma e consagrado pela unanimidade dos Pastores. Embora pareça que a multidão dos Bispos aceita hoje a bula *Unigenitus*, que autoriza erros como o molinismo e nega a necessidade do amor de Deus, não podem os Protestantes com esse fundamento contestar a infalibilidade da Igreja. Tais erros não são consagrados pela unanimidade dos Bispos. E, por isso, é legítimo rejeitá-los.

Qualquer ponto de doutrina contestado na Igreja só pela autoridade unânime dos Pastores pode ser decidido. O Papa, só por si, não o pode fazer. Mesmo unido ao maior número, porque a infalibilidade não foi prometida ao maior número, mas ao corpo dos Pastores. É o caso da bula *Unigenitus*. Não pode ser considerada como um juízo da Igreja. Por isso, é legítimo apelar para um Concílio Geral.

Diferente é o caso em que é combatido algum ponto de doutrina objecto da comum e unânime pregação dos Pastores. Então, tem de se condenar o erro, mesmo sem necessidade de recurso ao Concílio Geral. Assim aconteceu com o erro dos pelagianos e, nos finais do século XVII, com os dois grandes problemas do quietismo e dos ritos chineses.

Por outro lado, nem o Papa, nem os Bispos podem separar da comunhão os Apelantes, como se pretendeu com a bula *Pastoralis officii*, de 28 de Agosto de 1718. Foi contra todo o direito que o Papa clemente XI separou os Apelantes da sua comunhão. Por isso, tudo isto é nulo e de nenhum efeito, porque não foram respeitadas as leis da Igreja Universal, que obriga, antes da excomunhão, ao julgamento e condenação por um tribunal eclesiástico.

Esta *Instrução* manifesta claramente influências do jansenismo francês. De Soanen⁷, Bispo de Senez, e da sua *Instrução pastoral* de 28 de Agosto de 1727, na qual é feito o elogio dos Apelantes “únicos defensores da verdade”. Soanen ataca o Rei, os Papas, os Bispos maus pastores e a exacção do Formulário. Os princípios desta *Instrução pastoral* foram seguidos por Jérôme Besoigne⁸ no seu *Catecismo sobre a Igreja para os tempos de perturbação*.

Também se faz sentir a influência do oratoriano Vivien de Laborde⁹ na obra *Du Témoinage de la vérité dans l'Église* na qual justifica a proposição XC (condenada) da bula *Unigenitus* que

⁷ Soanen, oratoriano, Bispo de Senez. Assinou, juntamente com os Bispos de Mirepoix (de la Broue), de Boulogne (de Zangle) e de Montpellier (Colbert) uma apelação ao Concílio Geral redigida por Boursier, jansenista. Acabou por ser condenado por um tribunal eclesiástico e suspenso do exercício das funções episcopais.

⁸ Jérôme Besoigne, teólogo jansenista, nasceu em Paris em 1686 e morreu na mesma cidade em 26 de Janeiro de 1763. Em 1712 era professor de Filosofia. Recebeu o sacerdócio em 1715 e obteve o grau de Doutor em 3 de Maio de 1718. Apelante contra a bula *Unigenitus* e ardente defensor das doutrinas jansenistas, foi irradiado das listas dos Doutores da Sorbona em 1729. Escreveu várias obras todas infestadas dos erros jansenistas. (*Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Besoigne, Jérôme)

⁹ Vivien de Laborde (1680-1748) nasceu em Toulouse em 1680. Entrou na congregação do Oratório em 1699. Em 1708 era director do Seminário de Saint Magloire. Interveio nas controvérsias do seu tempo. Foi enviado a Roma em 1716 pelo Regente com o objectivo de obter do Papa Clemente XI explicações da bula *Unigenitus*, mas nada conseguiu. Foi chamado pelo cardeal de Noailles, arcebispo de Paris, em 1721, e, desde essa data, foi o seu conselheiro. Acabou por aceitar a bula. Morreu em 5 de Março de 1748. Na sua obra mais célebre - *Du Témoinage de de la vérité dans l'Église*(...) o P. Laborde fala das violências e das perseguições de Luís XIV, e, do ponto de vista doutrinário, retoma a doutrina de Richer: os leigos têm direito de se pronunciar, porque fazem parte da Igreja docente. Pretende mostrar que a bula *Unigenitus* é intrinsecamente má e, apesar das explicações, nada poderá torná-la legítima.

estabelece:” É a Igreja que tem o poder de excomunhão, mas para exercê-lo por meio dos seus primeiros pastores requer-se o consentimento ao menos implícito de todo o corpo. Segundo Vivien a salvaguarda da verdade da revelação não corresponde só à Santa Sé ou à hierarquia mas também à totalidade dos fiéis e dos Pastores. Os Bispos e os Papas podem equivocar-se e pode acontecer que a maioria dos Bispos se encontrem no erro. Pertence, pois, ao baixo clero e aos fiéis denunciar o falso testemunho dado em matéria doutrinal pelo primeiro Pastor. O oratoriano situava-se deste modo no ponto de união do galicanismo e do richerismo”¹⁰. Além do mais, o testemunho da verdade na Igreja não estava no grande número:

*“Cessez de nous opposer le grand nombre, régle equivoque en cas de partage, si vous ne pouvez, en même temps l'appuyer de l'aveu général du corps des fidèles, qui ne peut jamais être faux en matière de foi”*¹¹

Este era um tópico corrente do discurso jansenista. Mais tarde, Pietro Tamburini escreve a este respeito: *Deus tem prometido que jamais faltará a verdade na Igreja; mas onde é que Ele prometeu que ela será ensinada sempre na igreja pelo maior numero?*¹². Outra influência, porventura a mais marcante, é a *Instruction Théologique qui en forme de Cathécisme sur les promesses faites à l'Eglise où l'on traite principalement de l'obscurissement de la vérité & où l'on répond aux principales objections, soit des Protestans, soit des Partisans da la Bulle Unigenitus*. A Utrecht 1723. O autor defende que o Papa e o maior número dos Bispos não são a Igreja. Os Protestantes defendem que pode acontecer que a Igreja ensine erros. Mas a verdade permanece nela, mesmo que esteja concentrada no pequeno número. É exactamente o ponto de vista exposto na presente “Instrução”.

A *Instrução...* é, sem qualquer dúvida, obra de um jansenista. Defende a doutrina antiga da predestinação absoluta e da graça eficaz, denunciando a novidade dos molinistas; invoca a autoridade do concílio de Constança do século XV, que definiu a superioridade do Concílio sobre o Papa; combate a bula *Unigenitus*, que legitima a doutrina dos jesuítas; ataca os ultramontanos; defende a disciplina antiga do sacramento da Penitência, e condena a relaxação dos tempos presentes; faz a defesa acalorada dos Apelantes e combate a suficiência da atrição servil sem o amor de Deus.

A *Instrução sobre as promessas feitas por Jesus Cristo à sua Igreja*, parte primeira do códice 13049, é um texto identificado com o jansenismo cuja doutrina e posições defende.

2. Os textos seguintes (números 2, 4 e 5) são tradução literal da obra do célebre jansenista francês Dom Gabriel Gerberon (1628-1711),¹³ *Défense de L'Eglise Romaine contre les calomnies des Protestans*. Esta obra contém:

O P. Laborde compôs várias cartas pastorais para o cardeal de Noailles e para Bossuet, Bispo de Troyes, e ainda as cartas pastorais do Bispo de Soissons e de Bezons, Fitz-James, jansenista. (*Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Laborde Vivien ou Vivien de)

¹⁰ Fliche- Martin, *Historia de la Iglesia*, vol. XXII, p. 80

¹¹ *Dictionnaire de Théologie Catholique*, “bule Unigenitus”, col. 2154.

¹² Pietro Tamburini, *Análise do livro das Prescrições de Tertuliano com algumas observações*. Lisboa, Typographia Morazziana, 1788. p. 49

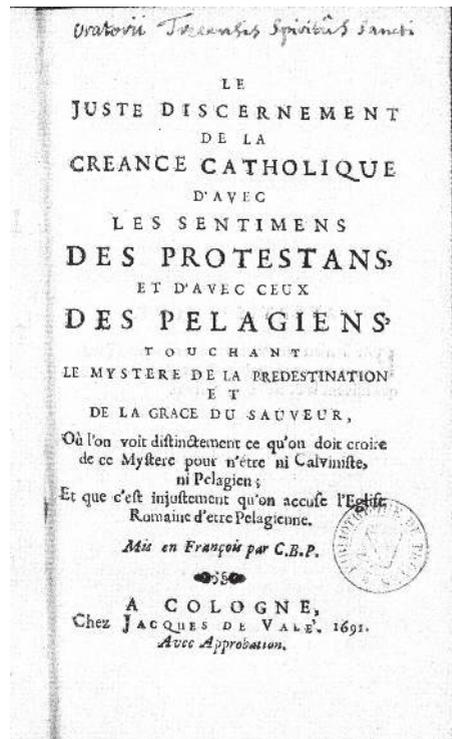
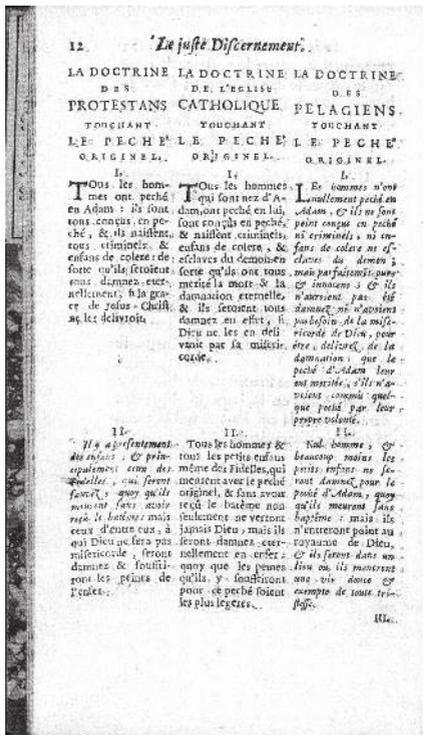
¹³ Gabriel Gerberon, jansenista beneditino, nasceu em 12 de Agosto de 1628 em Saint Calais, diocese de Mans. Estudou nos oratorianos de Vendôme. Com 19 anos apenas foi convidado para dirigir o colégio da sua cidade natal.

a) *Le Juste Discernement de la creance Catholique, d'avec les sentimens des Protestans, & d'avec ceux des Pelagiens, touchant la Predestination & la Grace du Sauveur, Où l'on voit distinctement ce qu'on doit croire de ce Mystere pour n'être ni Calviniste, ni Pelagien; Et que c'est injustement qu'on accuse l'Église Romaine d'être Pelagienne.* A Cologne, Chez Jacques de Valé. 1691.

b) *Les Règles qu'on doit suivre dans les contestations qui s'élevent touchant les veritez catholiques*

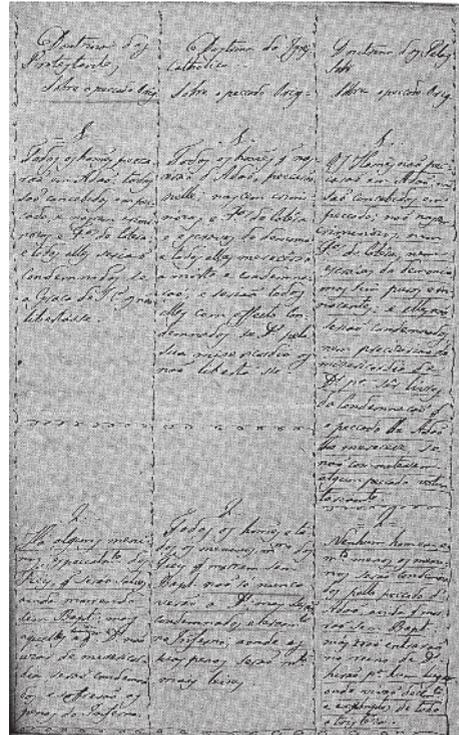
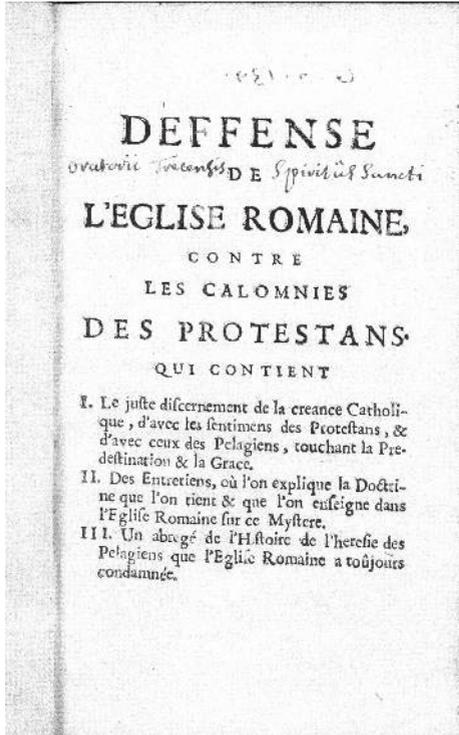
c) *Les Entretiens de Dieu-Donné et de Romain, où l'on explique la doctrine chrétienne touchant la Predestination et la Grace de Jesus Christ (...)*

d) *Un abrégé de l'Histoire de l'hérésie des Pelagiens que l'Église Romaine a toujours condamnée.*



Le Juste Discernement pretende marcar as diferenças e pontos comuns entre a doutrina calvinista, a católica e a pelagiana, com base em quatro temas doutrinários, a saber, pecado original,

Permaneceu aí pouco tempo. Professor na abadia beneditina de Santa Melânia de Rennes a 11 de Novembro de 1649. Ensinou retórica, filosofia e teologia, em vários mosteiros. Desde ced, o seu ensino começou a levantar suspeitas. No mosteiro de S. Germain-des-Prés entregou-se ao estudo da Patrística e tentou convencer os superiores da congregação a preparar uma nova edição das obras de Santo Agostinho. Defendeu sempre e propagou o jansenismo, rebelde à autoridade da Santa Sé. Polemista violento, escreveu numerosas obras, quase todas dirigidas à propagação das doutrinas jansenistas. Preso e condenado, morreu na abadia de S. Dinis, a 29 de Março de 1711. *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s.v. Gerberon, Gabriel.



predestinação, morte de Jesus Cristo e graça e liberdade. Gerberon estava convencido de que havia muitos católicos, mesmo teólogos e pregadores, que, por um zelo indiscreto, pretendendo evitar os calvinistas, vinham a cair no erro oposto; para não serem calvinistas, nem protestantes¹⁴ vinham a ser, sem o saberem, arménios, menonistas e socinianos. Era preciso ter em conta que nem todos os sentimentos dos calvinistas, mesmo no campo da Predestinação e da Graça, eram heréticos. É certo que se afastam da Igreja Católica no respeitante a outras verdades. A doutrina católica navega assim entre dois escolhos: o calvinismo e o pelagianismo. Santo Agostinho sentia esse perigo: quando queria falar da Graça, quase se via obrigado a negar o livre arbítrio; quando explicava o livre arbítrio quase negava a necessidade da Graça. Por isso, só conhecendo muito bem as fronteiras da doutrina católica - dizia Gerberon - se consegue evitar o deslize num sentido ou noutro. Mas ele próprio não conseguia evitar esse perigo. O que afirmava em teoria negava-o na prática - pendia para o calvinismo.

3. As regras que Gerberon aponta resultam da situação tumultuosa do seu tempo, por causa das lutas entre jansenistas e molinistas. No centro das contestações estava não só o dogma, a doutrina, mas também a moral, os costumes. Os católicos encontravam-se divididos nos seus

¹⁴ Como adverte no início da *Defense de L'Église Romaine contre les calomnies des protestans*, sempre que Gerberon fala dos protestantes refere-se aos calvinistas.

sentimentos acerca do pecado original e suas conseqüências, bem como do uso dos sacramentos (Penitência e Eucaristia). Contestavam as verdades da Predestinação e da Graça, o que originava a laxidão dos costumes. Foi isto que conseguiu o probabilismo e o molinismo. Obscureceram a verdadeira doutrina da Igreja. Mas “nunca o sol deixa de ser o que é, por maiores névoas que no-lo encubram”. A verdade manter-se-á, embora alguns teólogos a contestem. A Igreja tolera-os, não os segrega, porque nem sempre é conveniente arrancar o joio do meio do trigo. O joio eram os molinistas; o trigo os verdadeiros discípulos de Santo Agostinho (os jansenistas).

A verdade é una e indivisível, bem como a crença da Igreja católica. Os membros da Igreja podem dividir-se; a verdade, não.

Mas onde estará a doutrina verdadeira, no meio de tanta contestação?

O critério mais seguro para obter resposta está, segundo Gerberon, em consultar a Palavra de Deus, a tradição dos Santos Padres, as definições dos Papas e dos Concílios.

Argumentação tradicional dos jansenistas. A verdade está na venerável antiguidade. O molinismo é uma novidade que desvirtua a doutrina da Igreja e não está conforme com a palavra de Deus. Há que seguir as primeiras regras da nossa Fé- assevera Gerberon. E felizes são aqueles a quem Deus dá Pastores que ensinam as verdadeiras doutrinas da Igreja!

4. A Igreja Romana havia sido acusada pelos protestantes calvinistas, designadamente por Melchior Leydecker,¹⁵ professor de Teologia na Universidade de Utrecht, de pelagiana. Na dedicatória que faz ao Internúncio de Sua Santidade na Corte de Bruxelas, Gerberon refere várias teses que Leydecker patrocinara em Utrecht sobre o jansenismo e a condenação das 5 proposições. Na primeira trata a Igreja Romana de uma maneira horrorosa e que fora com razão que (eles, calvinistas) se separaram dela. Não se pode estar com a Sé de Roma se se não respeita a Graça do Salvador.

E num livro que imprimiu em flamengo sob o título de *Demonstração Evangélica* para convencer os Protestantes de que devem separar-se da Igreja de Roma, acusa-a de ter perdido a Fé e de se tornar pelagiana. Eis as suas palavras: *dizemos primeiramente que a Igreja Romana sucumbiu na Fé, quer dizer na doutrina que sustenta a Graça, pela qual Deus conduz o pecador à vida eterna. É nesta Igreja que a heresia de Pelágio está verdadeiramente reinante.*

Também um certo Ministro francês de Roterdão chamado Jurieu, compôs um livro *L'Esprit de M. Arnauld*- no qual entre várias observações vem esta: *que a Igreja Romana condenou a doutrina de Santo Agostinho relativa à Graça.*

Com o objectivo de refutar Leydecker, Gerberon compôs os “*Entretiens*” –¹⁶ uma exposição da doutrina sobre a Predestinação e a Graça em forma de perguntas e respostas entre Deodato e Romano. Foram escritos em flamengo, e depois traduzidos em francês. O tradutor expõe o propósito do autor- refutar as calúnias dos Protestantes contra a Igreja Romana. Leydecker dizia

¹⁵ Melchior Leydecker, teólogo protestante holandês, nasceu em Middelburg e morreu em Utrecht em 1722. Doutor em Teologia pela Faculdade de Leyden obteve a cátedra dessa disciplina em Utrecht que ocupou até à morte. Combateu sempre a filosofia de Descartes e o federalismo de Cocceyo. É autor de várias obras, entre as quais *De Historia Jansenismi*.

¹⁶ *Les Entretiens de Dieu- Donné et de Romain* (...)A Cologne. 1691. Vêm publicados na *Défense de l'Église Romaine*.

que esta queria apagar a doutrina do Apóstolo e de Santo Agostinho sobre a Predestinação e a Graça; proíbe o seu ensino e que a tinha condenado expressamente por meio de bulas. Afirmava ainda que a verdadeira fé a respeito da Predestinação e da Graça se estabelecera no começo na Igreja Romana, mas que esta Virgem se tinha tornado numa infiel e prostituta desde que abandonou a doutrina de S. Paulo e de Santo Agostinho, e desde que passou a ter um comércio vergonhoso com o judaísmo e com o paganismo, merecendo por isso ser expulsa do céu. Por outro lado, toda a gente sabe que neste século e neste país vários Teólogos se ergueram contra o Mistério da Predestinação e da Graça e trataram de fazer reviver a heresia de Pelágio, combatendo a Predestinação gratuita e a Graça eficaz por si mesma. Os Socinianos, os Menonistas, os Arménios e vários outros são conhecidos como inimigos públicos e declarados da Graça eficaz, e tudo fizeram para ressuscitar o Pelagianismo.

A fim de justificar, por um lado, a Igreja Romana da acusação que lhe fazem os Protestantes, e, por outro lado, para defender a Predestinação gratuita e absoluta e a Graça eficaz contra os Arménios, os Socinianos, os Menonistas e outros, e para que os mais simples possam instruir-se sobre as verdades deste mistério, julgou-se ser útil propô-las em forma de conversações por perguntas e respostas. Poderão, assim, os Protestantes ver claramente que a Igreja Romana nunca condenou a doutrina do Apóstolo e de Santo Agostinho relativa à Predestinação e à Graça, nem proibiu que se ensinasse ao povo. E todos os Católicos poderão aprender aí as verdades do mistério adorável e impenetrável da Predestinação e da Graça sem dificuldade e com aquela facilidade com que as crianças costumam aprender os Mistérios da Trindade e da Encarnação.

O tradutor nada tem a acrescentar ao propósito do autor, a não ser que será muito útil para os novos convertidos da França¹⁷ traduzir em francês a doutrina da Graça que é ensinada na Igreja Romana, para mostrar que tinham sido enganados, quando lhes disseram que esta Igreja condenava tal doutrina.

Autorizado pelo autor, usou de alguma liberdade na tradução, mas sem adulterar o seu pensamento.

O jesuíta francês Dominique Colonia classifica este escrito como uma espécie de catecismo da seita, “um repositório de jansenismo puro”¹⁸.

As *Conversações* de Deodato e Romano são a explicação da doutrina cristã relativa à Predestinação e da Graça. O autor começa por defender a necessidade de instruir os cristãos sobre este mistério¹⁹. Ao longo desta espécie de catecismo, Gerberon pergunta em que sentido Deus quer salvar todos os homens, acabando por negar a vontade salvífica universal de Deus. Deus apenas quer salvar os predestinados. E interpreta a afirmação do Apóstolo Paulo a Timóteo (2, 4): *Deus*

¹⁷ Os novos convertidos da França eram naturalmente os huguenotes, forçados à conversão ou ao exílio por força da revogação do Editto de Nantes por Luís XIV em 1685.

¹⁸ *Dictionnaire des livres jansénistes ou qui favorisent le jansénisme*. Anvers, 1752. 4 volumes. O P. Patouillet refundiu e aumentou a obra do P. de Colonia publicada em 1727, sob o título *Bibliothèque janséniste ou catalogue alphabétique des principaux livres jansénistes ou suspect de jansénisme*. As duas obras foram postas no Índice de livros proibidos. O P. Colônia e o P. Patouillet são ambos jesuítas. Os juízos que proferem sobre os autores e as obras que consideram jansenistas são por vezes demasiado severos.

¹⁹ Na tradução portuguesa falta o início do texto, que pode agora ser reconstituído a partir do original francês.

vult omnes homines salvos fieri- segundo as explicações de Santo Agostinho. Acrescenta ainda a que Jansénio foi buscar a S. João Damasceno: muitos Teólogos sustentam que Deus quer salvar todos os homens sem excepção com uma vontade *antecedente*, com uma vontade de *bondade*, mas não com uma vontade *consequente*, uma vontade de *justiça*. Deus, sendo a mesma bondade, quererá salvar todos os homens sem exceptuar um só, se este o não tivesse ofendido e se a sua justiça não exigisse que vingasse o pecado²⁰.

Outra questão logicamente ligada com esta: em que sentido Cristo morreu por todos? É o redemptor universal?

Segundo Gerberon, Cristo não morreu por todos, mas só pelos eleitos. Cristo morreu por todos, mas nem a todos fez participantes da sua morte. Veja-se o caso dos meninos que morrem sem baptismo, e, por conseguinte, sem receberem alguma graça nem tomarem parte nos frutos da morte do Filho de Deus. Por outras palavras, Cristo morreu pela salvação de todos os que se salvam, isto é, Cristo morreu por todos no sentido de que ninguém se salva senão pela sua morte, e não que a sua morte tenha sido aplicada a todos. Jansénio diz que é um erro semipelagiano dizer que Jesus Cristo morreu por todos²¹.

Relativamente à Graça - “doçura tão amorosa, deleitação tão doce” - Gerberon defende a Graça eficaz por si mesma; que a Graça não é dada a todos, porque, se o fosse, já não seria graça; é necessária para toda a obra boa: para crer em Cristo e para orar, para a conversão a Deus, para vencer as tentações, para observar os mandamentos e perseverar na justiça.

Na *Recapitulação das Verdades da Graça*, mediante subtilezas e subterfúgios, finge condenar as cinco proposições. Não consegue, todavia, camuflar a sua interpretação jansenista. Por exemplo, quando diz que condena “com o coração e com a boca” a primeira proposição, ao afirmar que *a Graça é dada a todos os que a pedem como deve ser* deixa supor que a Graça de orar, de pedir “*como deve ser*” não é dada a todos. Quando afirma que a Graça é dada a todos aqueles que querem e se esforçam quanto devem por guardar os mandamentos, subentende que há os que não querem, e não se esforçam por guardá-los, porque não têm a Graça de querer e de se esforçar. Jansénio diz que alguns justos não podem cumprir certos preceitos por causa da sua vontade fraca e porque lhes falta o socorro absolutamente necessário para agir.

A graça que lhes falta é absolutamente eficaz, de tal modo que, sem ela, o efeito para que é dada não pode ser produzido.

O Bispo de Ypres admite duas graças eficazes:

1 - uma graça eficaz forte, victoriosa que arrebatava sempre a vontade do homem “à semelhança de uma torrente que derruba todos os obstáculos” e produz o seu efeito total. É o querer perfeito.

2 - uma graça eficaz débil que move a vontade como uma “brisa ligeira” e só produz efeitos ineficazes. É o querer imperfeito.

²⁰ *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. “Jansénisme”, col. 398.

²¹ *Augustinus* (...) tomo III, Livro III, cap. XXI.

Assim, certos justos, com uma graça actual fraca, pequena, débil, e com as forças presentes que lhes dá esta graça actual débil, o livre arbítrio, a fé e a graça habitual esforçam-se por observar os preceitos, mas são arrastados por uma concupiscência mais forte que a graça actual. Neste caso, o mandamento é *hic et nunc* impossível²².

Quanto à segunda proposição - *no estado de natureza corrompida nunca se resiste à Graça interior*- confessa que a condena de coração e de boca e que há Graças interiores às quais se resiste.

E como é que se lhes resiste? Porque não se faz o bem que elas nos inspiram, e os desejos que em nós despertam são demasiado fracos para vencer a concupiscência. A resistência vem da concupiscência mais forte. É a pequena graça de Jansénio, da deleitação que é inferior em grau à deleitação terrestre, e que, por isso, inspira pequenos e fracos desejos, porém, insuficientes para vencerem a nossa concupiscência.

A 3.^a proposição defende que para merecer e desmerecer basta estar isento de coacção. Não é necessário estar isento de necessidade. Gerberon diz que a condena com toda a Igreja, mas acrescentando a *necessidade de natureza* que faz agir, não por opção, mas por impulso, como no caso dos animais e dos loucos.

Esta proposição decorre logicamente das teses de Jansénio acerca da dupla deleitação: a vontade situada entre duas deleitações, terrestre e celeste, é necessariamente arrastada ou para o bem pela graça ou para o mal pela concupiscência. Por isso, a obra boa feita com a graça e a obra má feita pela concupiscência resultam de uma “inelutável necessidade. Assim, para merecer e desmerecer, no estado actual, não se requiere a liberdade de necessidade. Basta a liberdade de coacção²³.

A 4.^a proposição diz que por mais forte e eficaz que seja a graça que nos previne, pode-se sempre rejeitar, se se quiser; se se não rejeita, é porque ela faz por si mesma que se não queira.

Também esta proposição decorre do sistema de Jansénio sobre a graça do homem decaído: toda a graça é eficaz e produz sempre o seu efeito: Por isso, os semipelagianos eram heréticos porque sustentavam que a vontade permanece senhora de obedecer ou de resistir à graça preveniente, de tal forma que pode impedir o efeito para o qual Deus deu esta graça²⁴.

A 5.^a proposição diz que Jesus Cristo morreu apenas pelos predestinados. Gerberon diz que a detesta como “ímpia e sacrílega”. Porque também os reprovados recebem algumas graças que foram merecidas por Jesus Cristo e são o fruto da sua morte. Mas também diz que Jesus Cristo não orou pela sua salvação, nem ofereceu a sua morte para obter as graças sem as quais não podiam ser salvos.

²² *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s.v. “Jansénisme”, col. 481.

²³ *Ibidem*, col. 485-486.

²⁴ *Ibidem*, col. 492.

5. A *Defense* (...) faz também a história do pelagianismo e do semipelagianismo. O tradutor português (anónimo) não faz desta vez uma tradução literal. Trata a mesma temática, mas de forma resumida.

Refere os três representantes do pelagianismo- Pelágio, Celéstio e Juliano, Bispo de Eclana. Compreendiam a antropologia cristã de uma maneira que Santo Agostinho teve que combater. Exaltavam as forças da natureza contra a verdadeira graça do Salvador A natureza era como uma rival da Graça; por um lado, a liberdade do homem e, por outro, a liberdade de Deus²⁵. Não queriam reconhecer que a graça necessária para qualquer acção opera em nós o querer e o fazer, que não só nos excita para o bem, mas ainda no-lo faz querer e fazer “pela força da sua deleitação”. Segundo o bispo de Hipona, enquanto não confessasse esta verdade fundada na Escritura, Pelágio não era verdadeiramente cristão²⁶.

A luta em prol da ortodoxia, designadamente acerca da relação entre liberdade e graça de Jesus Cristo, não termina aqui. Santo Agostinho ver-se-há de novo envolvido em polémica, desta vez com os monges de Adrumeto, na África e de Lerins, nas Gálias.

Este problema é posterior à polémica pelagiana (que pode considerar-se encerrada em 418) e veio a desembocar na heresia do Predestinacionismo condenado no concílio de Arles em 473. Várias foram as obras que escreveu Santo Agostinho no período semipelagiano: *De gratia et libero arbitrio*, *De correptione et gratia*, *De predestinatione sanctorum*, et *De dono perseverantiae* etc. Do semipelagianismo trata também a longa carta a Sisto, (Carta 194 da edição da Bac) presbítero da igreja de Roma e mais tarde Papa, que fora algum tempo simpatizante dos representantes do pelagianismo dos quais se afastou logo que o Papa Zózimo os condenou. (fim de 418, princípio de 419?). Muitas vezes foi injustamente acusado de não respeitar a liberdade humana, por tanto defender a onipotência de Deus.

O semipelagianismo teve origem em Vital que defendia o seguinte:

1) a graça de Jesus Cristo é necessária a todo o homem para viver santa e justamente e este não pode fazer qualquer acção boa sem essa graça:

2) o efeito da graça depende inteiramente da nossa vontade, a qual aceitava se quer, e recusa se não quer;

3) o princípio da conversão e da salvação partem do homem; a graça é dada a todos para bater, para pedir.

A heresia do predestinacionismo ressuscitou nos meados do século IX com o monge Godescalco, de Orbais. No reinado de Carlos, o Calvo (840-877), Gália foi profundamente perturbada pelas controvérsias à volta da predestinação, morte de Jesus Cristo e livre arbitrio²⁷.

²⁵ Angelo Berardino - *Patrologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, III, p. 579. 2.ª edição.

²⁶ Santo Agostinho, “*A Graça de Cristo e o pecado original*”, cap. X, p.225. (Publicada em *A Graça* (I) Paulus, 1998).

²⁷ Sobre o assunto vide Fliche- Martin. *Historia de la Iglesia*, vol.VI, pp. 329-346.

Uns defendiam de acordo com as Sagradas Escrituras e a doutrina de Santo Agostinho

1) que todos os homens, tendo merecido pelo pecado de Adão ser condenados, Deus tinha escolhido alguns aos quais destinava à glória e tinha destinado outros às penas que o seu pecado tinha merecido;

2) que Jesus Cristo não tinha oferecido a sua morte a Seu Pai pela salvação eterna dos réprobos, mas somente pela dos seus eleitos;

3) que a predestinação e a graça não arruinam em nada a liberdade.

Outros opunham-se a estas verdades que consideravam heresias e sustentavam:

1) que Deus quer salvar todos os homens sem exceção e que não destinou nenhum às penas do inferno;

2) que Jesus Cristo morreu pela salvação de todos os homens, mesmo daqueles que estavam no inferno antes que ele morresse

3) que a doutrina da predestinação destrói a liberdade.

Segundo Gerberon, que o tradutor português resumiu, a ocasião que despertou estes sentimentos pelagianos que perturbaram no século IX a Itália, a Alemanha e toda a França, foi a seguinte: um monge de Orbais, alemão de nascimento, chamado Godescalco, tendo-se aplicado durante muito tempo ao estudo da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, sobretudo de Santo Agostinho, tornou-se um profundo conhecedor destas matérias. No ano de 847 foi a Roma, em visita à Igreja dos Apóstolos. De regresso ao seu mosteiro, parou em casa do Conde Eberardo e permaneceu algum tempo na sua companhia. A quando da visita que o Bispo de Verona, Notingo, lhe fez, falaram da predestinação. Pouco tempo depois, Notingo encontra-se com Rábano Mauro, recém-nomeado Arcebispo de Mogúncia e comunica-lhe que Godescalco defendia a dupla predestinação, uma para a glória, a dos eleitos; outra para a morte, a dos réprobos.

Gerou-se a partir daqui uma enorme controvérsia sobre a predestinação. Godescalco escreveu uma profissão de fé na qual reafirmava a dupla predestinação e suas consequências: ruína do livre arbítrio, negação da vontade salvífica universal; restrição do valor da morte redentora de Cristo apenas aos predestinados. Portanto, um augustinismo do mais estrito. Foi considerado réu de heresia. Intimado a retratar-se, mantêve-se firme na sua posição. Açoitado e preso, primeiro na abadia de Orbais, depois na de Hautvilliers, morreu entre 866 e 870.

Entretanto, outros protagonistas tinham vindo ocupar o primeiro lugar da cena e defender um augustinismo integral, como Prudêncio, Remígio de Lião e Ebbon de Grenoble.

Uma enorme controvérsia se gerou em França e na Alemanha entre 1840 e 1869 acerca das doutrinas augustinianas sobre a predestinação. Tudo se misturou ali: paixões humanas, fórmulas equívocas, violências e rivalidades. Finalmente, é condenado no Concílio de Kiersy-sur-Oise (853) o predestinacionismo de Godescalco e proclamada a vontade salvífica universal de Deus e a redenção de todos. Vitória do augustinismo moderado.

Todavia, como bom jansenista, Gerberon defende Godescalco e considera-o verdadeiro representante da ortodoxia, pois, “apesar dos artifícios e das perseguições, a verdade triunfou em todos os séculos dos erros dos Semipelagianos, (...) a graça de Jesus Cristo saiu vitoriosa dos seus

inimigos e sempre foi seguida nesta matéria pela Igreja Romana e todas as Igrejas católicas”. E triunfou “dos novos Pelagianos que nestes últimos tempos a têm denegrido, capitaneados por o jesuíta Molina”, - como assevera o tradutor português.

6. O último texto do manuscrito 13049 é o *Diálogo entre Teotimo e Filopista sobre a concordia da Graça com o livre arbítrio*.

O velho e delicado problema das relações da graça e da liberdade é tratado sob a forma de diálogo entre dois interlocutores - Teotimo e Filopista. Este esclarece as dúvidas de Teotimo, seguindo a doutrina de Santo Agostinho. O núcleo da questão pode formular-se nestes termos: como concordar a Graça que invencivelmente nos atrai ao bem com a liberdade e merecimento das nossas acções. Questão particularmente delicada, diz Jansénio²⁸. Era também a grande dificuldade dos pelagianos.

A solução dada por Santo Agostinho, a “mesmíssima” da Igreja, foi admitida até Molina e Lésio que defendiam a liberdade do homem na cooperação com a graça. A eficácia da graça destruía a liberdade.

Foi para lutar contra o espírito do molinismo que Jansénio se entregou ao estudo de Santo Agostinho. O autor do diálogo combate a doutrina pelagiana, bem como a de Molina e seus sequazes. E confessa que a doutrina que expõe não é só dele. É doutrina de Santo Agostinho e de todos os seus verdadeiros discípulos. Os que se diziam verdadeiros discípulos de Santo Agostinho eram os jansenistas.

A raiz da dificuldade em compreender o problema do acordo da graça com a liberdade está na falsa ideia que ordinariamente se faz da liberdade. Esta não consiste, segundo Santo Agostinho, num poder igual de querer ou não querer; de querer uma coisa ou querer outra, de tal modo que dependa da nossa escolha o fazer ou não fazer, o fazer uma coisa ou fazer outra. “É preciso banir o fantasma da indiferença, porque destrói a graça de Jesus Cristo e a põe no estado em que estava antes do pecado. É preciso um socorro medicinal para curar a vontade e levantá-la da sua impotência”²⁹. Depois da queda original, o livre arbítrio não foi eliminado. Todavia ficou ferida profundamente a natureza humana. Só a graça de Jesus Cristo pode libertá-la da enfermidade da escravidão do pecado. Nisso consiste a liberdade- a libertação do pecado. Santo Agostinho falava da liberdade em sentido teológico. Quanto maior for a força da graça maior será a liberdade do homem. A queda no pecado equivale a perda de liberdade. No calor da polémica com os pelagianos, o bispo de Hipona chegou a escrever que “perdemos o livre arbítrio para amar a Deus pela magnitude do primeiro pecado”³⁰. Para o autor do diálogo era necessário ouvir mais as vozes da Fé do que as da razão. E neste mistério da Graça, dever-se iam seguir os sentimentos de Santo Agostinho e dos outros Padres que o defenderam. É com efeito a doutrina da Igreja que sempre reconheceu, que, no estado de corrupção em que se encontra, o homem necessita da Graça de Jesus Cristo, a qual opera em nós o querer e o fazer. A sua eficácia não depende, pois, da nossa vontade, como diziam os pelagianos.

²⁸ Prefácio do Livro VIII do tomo III do *Augustinus*.

²⁹ *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. *Jansénisme*, col. 428.

³⁰ Carta a Vidal, in *Obras Completas de Santo Agostinho*, Biblioteca de Autores Cristãos, vol. 3.º, Carta 217; *Enquiridion*, cap. XXX.

Trata em seguida do conceito de liberdade, sempre em sentido teológico, da liberdade e necessidade, liberdade e indiferença, e finalmente da liberdade para merecer e desmerecer. O autor segue Santo Agostinho, e os seus verdadeiros discípulos, os que vão continuar a defender a Graça de Jesus Cristo contra os seus inimigos, ensinando que ela de modo nenhum ofende a nossa liberdade, antes pelo contrário, assim como é ela e só ela que nos dá a liberdade para o bem, pois só ela no-lo faz querer - e para o querer de todo perdemos a liberdade - assim também quanto mais forte e poderosa for esta Graça divina que nos alicia tanto mais perfeita fica a liberdade da nossa vontade.

Em conclusão, o códice 13049 é todo ele um conjunto de textos impregnados de jansenismo. As “Conversações” de Deodato e Romano sobre a Predestinação e a Graça são inspiradas nas obras do Bispo de Hipona, Santo Agostinho, mas lidas e interpretadas pelo Bispo de Ypres, Cornélio Jansénio.

BIBLIOGRAFIA

Agostinho (Santo), *Enquiridion*, in *Obras de San Agustin*, IV, Biblioteca de Autores Cristianos.

- *A Graça de Cristo e o pecado original*. Publicada em *A Graça* (I), Paulus, 1998.

- *Diálogo sobre o Livre Arbitrio*. Tradução e introdução de Paula Oliveira e Silva. Imprensa nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

Bossuet, Jacques Bénigne, (bispo de Troyes), *Instruction pastorale sur les promesses de Jésus Christ à son Église*. A Paris, chez Delusseux.

Dictionnaire de Théologie Catholique, s.v. “Jansénisme” e “Gerberon, Gabriel”.

Dictionnaire de Spiritualité, tomo 6, col. 289-293

Dictionnaire des livres jansénistes ou qui favorisent le jansénisme. Anvers, 1752, 4 volumes.

Fliche Martin, *Historia de la Iglesia*, EDICEP, Valencia, vols. VI e XXII

Gerbon, Gabriel, *Defense de l'Église Romaine contre les calomnies des protestants, contenant le juste discernement de la croyance catholique d'avec les sentiments des protestants et d'avec ceux des pélagiens touchant la prédestination et la grace, mis en français par C.B.R. et les Entretien de Dieudonné et de Romain sur la même matière (...)*, Cologne, Chez Jacques de Valé, 1691.

Gourlin, Pedro Estêvão, *Institution et Instruction chrétienne*. Napoles, 1779.

Jansénio, Cornélio, *Augustinus, seu doctrina sancti Augustini de humanae naturae sanitate, aegritudine, medicina, adversus Pelagianos et Massilienses tribus tomis comprehensa*. Lovaina, 1640.

Laborde, Vivien de, *Du témoignage de la vérité dans l'Église*, s.l. 1714.

Oliveira, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa, 1940.

Quasten, Iohannes, *Patrologia*, Biblioteca de Autores, 3 vols.

Tamburini, Pietro, *De summa catholicae de gratia Christi doctrinae praestantia, utilitate ac necessitate dissertatio*
(...) Ticini, 1790.

- *Análise do livro das Prescrições de Tertuliano com algumas observações*. Lisboa, Typographia Morazziana,
1788.